

Carta do Papa Bento XVI sobre a tarefa urgente da educação

Publicamos a carta que Bento XVI enviou à diocese e à cidade de Roma sobre a tarefa urgente da educação.

10/02/2008

Queridos fiéis de Roma.

Eu quis dirigir-me a vós com esta carta para vos falar de um problema que vós mesmos experimentais e no qual estão comprometidos os diferentes componentes da nossa

Igreja: o problema da educação.

Todos nos preocupamos profundamente pelo bem das pessoas que amamos, em particular das nossas crianças, adolescentes e jovens. Sabemos, de fato, que deles depende o futuro da nossa cidade. Devemos, portanto, preocupar-nos pela formação das futuras gerações, pela sua capacidade de se orientarem na vida e discernir o bem do mal, pela sua saúde não só física, mas também moral.

Pois bem, educar nunca foi fácil e, hoje, parece ser cada vez mais difícil. Este fato é bem conhecido pelos pais de família, professores, sacerdotes e todos que têm responsabilidades educativas diretas. Fala-se, por este motivo, de uma grande “emergência educativa”, confirmada pelos fracassos que os nossos esforços encontram, com muita frequência, para formar pessoas sólidas, capazes de colaborar com os outros e de dar

um sentido à própria vida. Então, atribui-se a culpa espontaneamente às novas gerações, como se as crianças, que hoje nascem, fossem diferentes das que nasciam no passado. Fala-se também de uma “fratura” entre as gerações, que certamente existe e tem o seu peso, mas é mais o efeito e não a causa da falta de transmissão de certezas e de valores.

Portanto, devemos atribuir a culpa aos adultos de hoje, que já não são capazes de educar? Certamente é forte, quer entre os pais quer entre os professores e em geral entre os educadores, a tentação de renunciar a educar e, mais ainda, há o risco de não compreenderem nem sequer qual é o seu papel, ou melhor, a missão que lhes foi confiada. Na verdade, não estão em jogo somente as responsabilidades pessoais dos adultos e dos jovens, que certamente existem e não se deve escamotear,

mas também um ambiente difundido, uma mentalidade e uma forma de cultura que levam a duvidar do valor da pessoa humana, do próprio significado da verdade e do bem, em última instância, da bondade da vida. Torna-se difícil, então, transmitir, de uma geração para outra, algo válido e certo, regras de comportamento, objetivos fiáveis sobre os quais se pode construir a própria vida.

Queridos irmãos e irmãs de Roma, frente a esta situação, quero dizer-vos algo muito simples: Não tenhais medo! Todas essas dificuldades, de fato, não são insuperáveis. É antes, por assim dizer, o outro lado da moeda desse dom grave e precioso que é a nossa liberdade, com a responsabilidade que justamente implica. Ao contrário do que acontece no campo tecnológico ou econômico, onde os processos de hoje podem somar-se aos do passado,

no âmbito da formação e do crescimento moral das pessoas não se dá uma possibilidade semelhante de acumulação, pois a liberdade do homem é sempre nova e, portanto, cada pessoa e cada geração têm de tomar nova e pessoalmente as suas decisões. Inclusive os maiores valores do passado não podem ser herdados simplesmente, têm de ser assumidos e renovados através de uma opção pessoal, que com frequência custa.

Agora, quando se abalam os fundamentos e faltam certezas essenciais, a necessidade desses valores é sentida de maneira urgente: concretamente, aumenta hoje a exigência de uma educação que possa ser considerada como tal. É pedida pelos pais, preocupados e com frequência angustiados, pelo futuro dos seus filhos; é pedida por tantos professores, que vivem a triste experiência da degradação das suas

escolas; é pedida pela sociedade no seu conjunto, que vê como se põem em dúvida as próprias bases da convivência; é pedida na sua intimidade pelos próprios jovens, que não querem ficar abandonados diante dos desafios da vida. Quem crê em Jesus Cristo tem também um ulterior e mais intenso motivo para não ter medo: sabe que Deus não nos abandona, que o Seu amor nos alcança onde quer que estejamos e como estejamos, com as nossas misérias e fraquezas, para nos oferecer uma nova possibilidade do bem.

Queridos irmão e irmãs, para tornar as minhas reflexões mais concretas, pode ser útil encontrar alguns requisitos comuns para uma autêntica educação. Antes de mais nada, é necessária essa proximidade e essa confiança , que nascem do amor; penso nessa primeira e fundamental experiência do amor

que as crianças fazem, ou que pelo menos deveriam fazer, com seus pais. Mas, todo o educador autêntico sabe que para educar é preciso dar algo de si mesmo e que só assim poderá ajudar seus alunos a superarem os egoísmos para poderem, por sua vez, serem capazes do autêntico amor.

Numa criança pequena já se verifica também um grande desejo de saber e de compreender, que se manifesta nas suas contínuas perguntas e pedidos de explicações. Pois bem, seria uma educação sumamente pobre a que se limitasse a dar noções e informações, deixando de lado a grande pergunta sobre a verdade, sobretudo sobre essa verdade que pode ser a guia da vida.

O sofrimento da verdade também faz parte da nossa vida. Por este motivo, ao tentar proteger os jovens de toda a dificuldade e experiência de dor,

corremos o risco de criar, apesar das nossas boas intenções, pessoas frágeis e pouco generosas; a capacidade de amar corresponde, de fato, à capacidade de sofrer e de sofrer juntos.

Deste modo, queridos amigos de Roma, chegamos ao ponto que talvez seja o mais delicado na obra educativa: encontrar o equilíbrio adequado entre liberdade e disciplina. Sem regras de comportamento e de vida,

aplicadas dia após dia em pequenas coisas, não se forma o caráter e não se prepara para enfrentar as provas que não faltarão no futuro. A relação educativa é, antes de mais nada, o encontro entre duas liberdades, e a educação conseguida é uma formação para o uso correto da liberdade. Na medida em que a criança vai crescendo, ela converte-se num adolescente e depois num

jovem; temos de aceitar, portanto, o risco da liberdade, permanecendo sempre atentos para ajudar os jovens a corrigir idéias ou decisões equivocadas. O que nunca podemos fazer é apoiá-los nos erros, fingir que não os vemos ou, pior ainda, compartilhá-los como se fossem as novas fronteiras do progresso humano.

A educação não pode prescindir do prestígio que torna fiável o exercício da autoridade. Esta é fruto de experiência e competência, mas conquista-se sobretudo com a coerência da própria vida e com o envolvimento pessoal, expressão do amor autêntico. O educador é, portanto, uma testemunha da verdade e do bem; certamente ele também é frágil e pode ter falhas, mas procurará estar sempre novamente em sintonia com a sua missão.

Queridos fiéis de Roma, destas simples considerações se vê como na educação é decisivo o sentido de responsabilidade; responsabilidade do educador, certamente, mas também, na medida em que vai crescendo com a idade, responsabilidade do filho, do aluno, do jovem que entra no mercado de trabalho. É responsável quem sabe dar respostas a si próprio e aos outros. Quem crê procura também e, antes de tudo, responder a Deus, que o amou primeiro.

A responsabilidade é, em primeiro lugar, pessoal; mas também há uma responsabilidade que compartilhamos juntos, como cidadãos de uma mesma cidade e de uma mesma nação, como membros da família humana e, se somos crentes, como filhos de um único Deus e membros da Igreja. De fato, as idéias, os estilos de vida, as leis, as orientações globais da sociedade em

que vivemos e a imagem que oferece de si mesma através dos meios de comunicação, exercem uma grande influência

na formação das novas gerações para o bem e, com frequência, também para o mal. Pois bem, a sociedade não é algo abstrato; no final, somos nós mesmos, todos juntos, com as orientações, as regras e os representantes que escolhemos, ainda que os papéis e a responsabilidade de cada um sejam diferentes. É necessária, portanto, a contribuição de cada um de nós, de cada pessoa, família ou grupo social, para que a sociedade, começando pela nossa cidade de Roma, se converta num ambiente mais favorável à educação.

Por último, quero propor-vos um pensamento que desenvolvi na recente carta encíclica “Spe salvi” sobre a esperança cristã: só uma

esperança fiável pode ser alma da educação, como de toda a vida. Hoje, a nossa esperança é afetada por muitas partes e também nós corremos esse risco, como os antigos pagãos, homens «sem esperança e sem Deus neste mundo» – como escrevia o apóstolo Paulo aos cristãos de Éfeso (Efésios 2, 12). Daqui nasce precisamente a dificuldade, talvez ainda mais profunda, de realizar uma autêntica obra educativa: na raiz da crise da educação encontra-se, de fato, uma crise de confiança na vida.

Portanto, não posso terminar esta carta sem um caloroso convite a pôr a nossa esperança em Deus. Só Ele é a esperança que resiste a todas as decepções, só o Seu amor não pode ser destruído pela morte; só a justiça e a misericórdia podem curar as injustiças e recompensar os sofrimentos padecidos. A esperança que se dirige a Deus não é nunca

esperança só para mim; é sempre, ao mesmo tempo, esperança para os outros: não nos abandona, mas torna-nos solidários no bem, estimula-nos a educar-nos reciprocamente na verdade e no amor.

Saúdo-vos com afeto e dou-vos a garantia de que me lembrarei especialmente de vós na oração, enquanto vos envio a todos a minha benção.

Vaticano, 21 de Janeiro de 2008

BENEDICTUS PP. XVI

pdf | Documento gerado automaticamente de [https://opusdei.org/pt-br/article/carta-do-papa-bento-xvi-sobre-a-tarefa-urgente-da-educacao/ \(27/12/2025\)](https://opusdei.org/pt-br/article/carta-do-papa-bento-xvi-sobre-a-tarefa-urgente-da-educacao/ (27/12/2025))